

FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS E PERSPECTIVAS NA GEOGRAFIA CULTURAL¹⁹

Maria Geralda de Almeida²⁰

Resumo: A preocupação em compreender a abordagem da Geografia cultural é a motivação para refletir sobre os aportes teóricos e, ao mesmo tempo, sinalizar os rumos norteadores desta forma de fazer a Geografia. Neste estudo, apresenta-se uma breve análise das correntes filosóficas que embasam esta abordagem. Também, aborda o surgimento da Geografia cultural no Brasil e os principais núcleos existentes, vinculados a este tema. Conclui-se pela contribuição da Geografia Cultural no arejamento da Geografia brasileira, principalmente com as teses e as dissertações e das promissoras leituras espaciais ao fazer uso desta abordagem.

Palavras-chave: Geografia Cultural, teoria, novas leituras, grupos de Geografia Cultural.

THEORY FOUNDATIONS AND PERSPECTIVES IN CULTURAL GEOGRAPHY

Abstract: The concern to understand the approach of the cultural geography is the motivation to think about the theoretical contribution and, at the same time, to warn the guiding directions on the way to make the geography. In this study is presented a brief analysis of the philosophical currents that serving as the basis for this approach. Also addresses the emergence of the cultural geography in Brazil and the main research centers related to this topic. It concludes by the contribution of the cultural geography in the arrangement of the Brazilian geography, mainly with the theses and dissertations and the promising spatial reading to make use of this approach.

Keywords: Cultural geography, theory, new readings, Cultural geography groups.

¹⁹ Texto baseado em “Geografia Cultural: contemporaneidade e um *flashback* na sua ascensão no Brasil”, da autora, publicado 2009; esta versão foi atualizada para conferencia de encerramento do I Simpósio de Geografia - "Novos rumos para os estudos geográficos" e IX Semana de Geografia da UENP- Cornélio Procópio-PR, 02/08/13.

²⁰ UFG/Instituto de Estudos Sócioambientais (IESA). Professora titular da Universidade Federal de Goiás onde é diretora do Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais-LABOTER. Experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Cultural. E-mail: mgdealmeida@gmail.com

INTRODUÇÃO

A importância da cultura nos estudos geográficos é bastante expressiva nos últimos decênios. Embora seja antigo, o vínculo da cultura com a Geografia, esta relação ganhou um interesse maior com Sauer (1929) e, desde então, fortalece-se em uma parcela significativa de geógrafos. O que tem contribuído para esta expansão da cultura? A cultura, para Claval (1999,p.89), “*é indispensável ao indivíduo no plano de sua existência material. Ela permite sua inserção no tecido social. Dá um significado à sua existência e à dos seres que o circundam*”(...). Como a Geografia se abre cada vez mais para ser compreendida como ciência social e ambiental, comprometida com os problemas socioespaciais, a cultura assume importância nas abordagens geográficas.

Tal fato permite esclarecer que, incluir a cultura na Geografia, não se trata de outra forma de representar o espaço e, sim, é outra maneira de fazer a Geografia, aquela que se interessa pela subjetividade, pela identidade, pelos sentidos e pelos significados. As trajetórias dos indivíduos no espaço e os lugares que eles ocupam são orientados por eles e pelos aspectos socioculturais, ambientais, políticos e econômicos.

Procurarei, inicialmente, apresentar uma evolução da concepção da geografia cultural, esclarecendo que esta é concebida, neste texto, como uma abordagem, uma forma de fazer a interpretação do espaço. Importa apreender as correntes filosóficas e crítica de alguns paradigmas que ajudam a construir as atuais leituras da geografia cultural. Por esse motivo, será evidenciada a trajetória, a construção da abordagem e as configurações atuais que lhe confere destaque. Admito, a geografia cultural é objeto de controvérsias e de pontos de vista distintos que, não cabe nesse âmbito, discuti-las.

A CONTRIBUIÇÃO DOS APORTES TEÓRICOS

Os aportes do estruturalismo. A Geografia cultural adquiriu sua própria base epistemológica que muito desenvolveu nos 30 anos seguintes, a partir de 1930. Para sua consolidação não apenas foi importante a contribuição da Antropologia Cultural como, também, dois outros fatores. O primeiro deles foi a adoção de uma visão estruturalista da realidade e, o segundo, foi a Geografia cultural considerar a relação entre os elementos.

Com os procedimentos embasados na perspectiva estruturalista, de acordo com Piaget (1979), os estudos forneciam descrições de vários elementos das práticas culturais e da organização social. Contudo, nem todos concordaram com esta visão estruturalista e, a

consequência mais significativa do desencanto geral consistiu na produção de forma de pensamento, orientada para a revisão dos cânones estruturalistas, ou seja, do Racionalismo, que não se situava em sua base, forma compreensivamente denominada de “pós-estruturalismo”.

Para Claval (2008), três modificações nas ciências sociais tiveram fortes repercussões na ciência geográfica, durante a última geração de geógrafos: a virada linguística, que ressalta a análise do pesquisador, a partir da palavra e das imagens e não diretamente com base na realidade; a virada espacial da sociologia, que reforça a existência das sociedades em espaços e lugares concretos e não em uma esfera conceitual e abstrata; a virada cultural da Geografia humana, em que os processos sociais, econômicos e políticos dependem das culturas onde eles ocorrem. Os processos têm, em comum, evidenciar o papel da subjetividade e das representações e os processos culturais.

Após muitos anos de relativa inércia, nos anos oitenta, a Geografia pareceu criar um novo alento. Ela desprendia-se dos enfoques macroeconômicos e sociológicos para efetuar propostas metodológicas da paisagem. O enfoque cultural incorporado, na opinião de Christlieb (2006), foi avaliado por alguns geógrafos como uma espécie de oxigênio para sua disciplina. Logo, começou a falar-se em uma mudança e a valorização do enfoque cultural. Em inglês, esse movimento denominou-se *The cultural turn in geography*. Os franceses o chamaram de *le tournant culturel en géographie* e, no Brasil, tornou-se conhecido como a virada cultural na geografia.

Nos Estados Unidos e no Reino Unido, ocorreu, sobretudo, a vinculação da Geografia cultural com o chamado pós-modernismo. Essas questões serão aprofundadas mais adiante, no que diz respeito aos elos e imbricações do pós-modernismo com a geografia.

Na França, a Geografia cultural para se afirmar como protagonista distinta da Geografia humana procurou sua base teórica **no posestruturalismo**. Este a influencia por meio de três correntes: da teoria da desconstrução, do criticismo e da interpretação do signo como sinal de poder.

As três correntes de análise que marcaram os estudos nessa virada cultural na Geografia serão apresentadas a seguir.

O desconstrucionismo, ganhou destaque com Jacques Derrida (1971) e Barthes (2006, 1967), que concebem os modos de produzir conhecimentos a partir do *texto*, ou seja, das representações da realidade. A desconstrução serve nomeadamente para desvelar o que no texto que está dissimulado. Esta metodologia de análise centra-se apenas nos textos. O texto é obviamente concebido no sentido mais extenso do termo: seja o texto escrito, seja uma carta

geográfica, seja qualquer outro produto da narrativa, da descrição e da representação. As representações da cultura, que constituem o texto, como objeto autônomo de pesquisa e de explorar as relações que o texto possui com o contexto cultural e social ao qual pertence.

Na segunda corrente, Foucault (1966), com uma intensa reflexão filosófica, desenvolveu o *criticismo contra modernidade*. Foucault demonstrou que o modo moderno de produzir conhecimento se baseava sobre construção de signos por meio de processos de racionalização da realidade. A segunda contribuição de Foucault consistiu em indagar como, na modernidade, a representação tinha atribuído ao tempo a primazia sobre o espaço produzindo o conhecimento historicista. Na pós-modernidade a relação existencial entre pessoa e lugar assume um lugar central na construção do conhecimento. A terceira contribuição feita foi ao propor o espaço estereotípico como um espaço real dotado de aparatos simbólicos e próprios significados.

Outra corrente com vínculos no pós-estruturalismo, com traços da pós-modernidade, advém da contribuição de Lyotard (1979), propondo o signo, como instrumento de poder. Respalhada nas concepções desse teórico, a Geografia cultural é encorajada a “ler” o território como uma tessitura de signos obedientes a uma estratégia social por meio da qual se manifesta o poder. O pós-modernismo afirmou-se como um novo estilo, no qual o território é lido como um texto. O território é como um universo de signos enquadrado no contexto social e cultural no qual esses signos estão inscritos. Cabe ao geógrafo identificar a relação entre as práticas sociais e a construção do cultural.

AS ATUAIS LEITURAS DA/NA GEOGRAFIA CULTURAL

Pode-se afirmar que, na Geografia cultural depois dos anos oitenta, as influências da corrente pós-estruturalista francesa não foram hegemônicas e foi, também, ela influenciada pelo **pós-modernismo**, nascido nos Estados Unidos. Fortemente atado primeiramente à arquitetura, o pós-modernismo expandiu-se para as ciências sociais e apoderou-se da comunicação e do direito.

Para Vallega (2003), na geografia, o enfoque pós-moderno requer lugares concretos para estudar e não noções espaciais abstratas. O chamado pós-modernismo prosperou com a crença de que as paisagens estão repletas de contradições e definir o espaço é um exercício de grande complexidade para o conhecimento do território.

A Geografia cultural tradicional, geralmente, é caracterizada pela persistência no interesse por alguns temas como: modo de vida e uso dos recursos naturais por um dado

grupo social como indígenas, quilombolas, marisqueiras, entre outros; também, pela difusão territorial das manifestações culturais; as regiões ou territórios culturais homogêneos e as especificidades culturais de territórios singulares.

No Brasil, esses temas, considerados específicos da Geografia cultural tradicional, persistem. Eles atraem o interesse principalmente de geógrafos herdeiros de uma influência francesa e alguns temas têm mesmo ganhado relevância; a despeito da rápida urbanização, dos processos de apropriação do espaço urbano, das transformações da sociedade brasileira e do crescimento das cidades, megalópoles, do novo espaço rural, do agronegócio, da agroindústria, desenhando-se como férteis campos de interesse para a Geografia.

Nos anos 1990, a Conferência do Rio da UNCED - Conferência das Nações Unidas para o Ambiente e Desenvolvimento (1992), propiciou o debate e uma tomada de posição sobre a diversidade biológica, a biodiversidade e, paralelamente, a diversidade cultural. Colocados em evidência, associou-se a diversidade cultural com a compreensão de que há, ainda, a existência de comunidades singulares, como as já citadas. Acrescem-se os seringueiros, extratores de castanha e de babaçu, vazanteiros, que em escala ampla, são os povos da floresta, caatingueiros e geraizeiros, dotados de tecnologia pouco avançada, paralela à existência de uma sociedade marcada pelo avanço do meio tecnocientífico informacional moderno.

Para compreender essas comunidades, elas devem ser lidas no contexto de áreas culturais, com uma mesma fisionomia cultural, procedimento adotado pelos seguidores do Sauer. A pesquisa sobre áreas culturais encontra-se, pois, com motivações. Paralelamente, pode-se acrescentar que as atuais discussões sobre grupos étnicos e as reivindicações por reconhecimento tangenciam as bordas da geopolítica; as quais, não estão distantes das possibilidades de interpretações pela geografia cultural com base estruturalista.

Nessa mesma vertente da leitura estruturalista, ainda destacaríamos os estudos sobre o componente religioso das culturas, isto é, as influências exercidas pelas religiões sobre os costumes de um dado grupo social, os sistemas alimentares e comportamentos sociais. Também, eles podem ter cunho geopolítico.

No caso da abordagem semiótica, a Geografia cultural tem privilegiado a relação entre signo e significado, isto é, a compreensão e a imaginação que cercam esses dois elementos. Considerando que o símbolo é um tipo de signo e o signo é objeto da semiótica, essa última é a base teórica referencial para a geografia cultural explorar as conotações simbólicas dos lugares, dos espaços e dos valores que eles possuem.

Na perspectiva da semiótica, assume-se que a cultura é um objeto autônomo na indagação sobre a realidade. A cultura é a criação de símbolos atribuídos a lugares e a espaços. Ela é vista como um universo de símbolos e os símbolos atribuídos aos lugares e aos espaços precisam constituir-se ou pelo menos devem ser concebidos como objeto de indagação geográfica.

Os geógrafos franceses, adeptos da Geografia cultural, mostraram-se pouco interessados pela análise espacial, ao levar em conta a semiótica. Maior atenção ela obteve por parte dos geógrafos anglosaxônicos, sobretudo, aqueles influenciados pelas tendências do pós-modernismo, como por exemplo, Cosgrove (1998), com seus estudos de paisagem urbana.

Já em um estudo do meio rural, pela abordagem do cultural os geógrafos, com base na semiótica, procuram identificar os símbolos que a história da comunidade local atribuiu aos lugares, ao levar em conta seu usufruto e os valores que são associados aos símbolos. No caso dos estruturalistas, a explicação seria buscada, preferencialmente, sobre o gênero de vida e a percepção e uso dos recursos naturais.

No que diz respeito à abordagem eclética, a Geografia cultural, por sua característica, engloba um amplo espectro de elementos e ideias geográficas. Eles formam um rico mosaico de temas de pouca coerência metodológica. Os estudos tornam-se, necessariamente mais interdisciplinares. Aspectos novos são vinculados à paisagem como cultura e pobreza, cultura e gênero, cultura e política, cultura e racismo.

Paul Claval (1995), protagonista principal dessa abordagem, em seu livro *La géographie culturelle*, assume essa abordagem. Ele defende a cultura como um produto da história e uma realidade superior e, recomenda evitar o uso de critérios absolutos. É no exame da paisagem que o movimento eclético demonstra sua mais eloquente expressão. É lá onde se encontram ideias próprias, seja sobre a abordagem estruturalista _a paisagem como complexo de formas materiais_, seja sobre a abordagem semiótica _a paisagem como conjunto de símbolos que ligam os lugares_, seja ainda sobre a abordagem espiritual que ressalta os valores estéticos.

Recentemente, os geógrafos britânicos Kay Anderson, Mona Domosh, Steve Pile e Nigel Thrift publicaram o *Handbook of cultural geography* (2003), ilustrativo da abordagem eclética da chamada “virada cultural da geografia”. Os artigos mostram o potencial do enfoque cultural e sua liberdade para tratar temas susceptíveis de serem estudados pela Geografia e de apreciar a diversidade cultural do planeta.

Para esses autores, as definições precisam ser abertas tanto quanto o espaço. Eles definem a geografia cultural como um estilo de pensamento que reúne uma ampla variedade de questionamentos e de maneiras de respondê-los [...] ressaltam que o cultural modificou o geográfico, ao tornar possível estudar cada vez mais ‘coisas’; porém, também, submetendo cada vez mais coisas a um exame atento. Pode se afirmar que se trata da democratização do entendimento, da possibilidade de mirar o mundo pelas diferenças que coexistem nele e de aprender dele. (ANDERSON et al, 2003,p.xix, *apud* CHRISTLIEB 2006,p.229).

MEANDROS DA GEOGRAFIA CULTURAL NO BRASIL

Corrêa e Rosendahl (2008), os principais estudiosos da Geografia cultural no Brasil, avaliam que o desenvolvimento da Geografia cultural no País foi tardio, devido a várias razões e citam: a combinação de uma excessiva influência da corrente vidaliana de Geografia com a precária apropriação dessa corrente por parte dos seguidores de Vidal de La Blache; o desenvolvimento relativo da Geografia teórica e quantitativa, cujos seguidores consideravam a cultura como secundária, marginal ou residual; e, fins dos anos setenta, emerge a terceira causa, a influência do materialismo histórico dialético que enfatiza a base econômica, as contradições e as desigualdades advindas do modo de produção como forma de explicação e interpretação do espaço.

De fato, em um artigo que escrevemos em 1993, sobre a Geografia Cultural francesa, publicado na Revista Geosul, n.15, já insinuávamos uma explicação para a pouca filiação dos geógrafos brasileiros nesta abordagem. Ou seja, a matriz da Geografia cultural, baseada nas características dos princípios filosóficos da Geografia humanista.

Nesse sentido, aproximamos do que afirmam Corrêa e Rosendahl. Em 2008, retomamos o tema e somamos outros argumentos que caracterizavam o saber/fazer da Geografia cultural na academia brasileira, os quais eram distintos da corrente humanista.

Presentemente, reafirmamos essa opinião. A abordagem humanista, nitidamente neopositivista, não teve eco entre os geógrafos brasileiros, visto que, nas palavras de Costa (1980, p.77): “O dogmatismo de esquerda insiste em firmar a geografia crítica como a única abordagem possível de interpretar a realidade”.

A despeito do reducionismo, ser marxista ou adotar a Geografia crítica prevaleceu e afastou os geógrafos do risco de serem considerados positivistas se adotassem outra abordagem.

Também, deve-se considerar que, para tal, contribuiu a Geografia da USP, instituição que, até o início a década de 1990, permaneceu como a principal, e uma das poucas na formação de doutores em Geografia no Brasil. Seu corpo docente principal negava o projeto tradicional da Geografia. Ao adotar o materialismo histórico e dialético, a formação da Pós-Graduação valorizava a utilização de modelos econômicos de inspiração neoclássica ou neoliberal e enfatizava a concepção de que a verdadeira revolução na metodologia da Geografia moderna só chegava a partir da crítica radical.

Respaldados na busca de um novo papel político do saber e a formulação de um modelo nomotético para a Geografia, como ciência social, os “uspianos” de maior destaque no cenário nacional, historicamente, defendiam, e vários ainda defendem, a visão ortodoxa do marxismo e a crença nesta como a via metodológica única da “verdadeira” Geografia.

Tal postura intimidou que outras correntes teóricas e metodológicas, na própria USP, pudessem emergir e possibilitou que, em outras instituições de ensino, surgissem contracorrentes e o movimento de novas vias para o conhecimento geográfico, como o humanismo, a abordagem da Geografia cultural já na década de 1990, que se fortaleceram após 2000.

As reflexões deste texto justificam-se pelo crescente interesse ocorrido no meio acadêmico pela Geografia cultural no Brasil, conforme já mencionamos. O número de comunicações que se classificam ou se consideram como de Geografia cultural nos eventos da Associação Brasileira de Geografia (AGB) e da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia (ANPEGE), nos últimos 5 anos, tem assombrado os organizadores. Para ilustrar, somente no VIIEnanpege, em 2007, 60 trabalhos foram considerados como desta abordagem, igualando àqueles da Geografia Urbana e superando a Geografia Agrária, com 37 comunicações; em 2011, no IXEnanpege, em Goiânia, em 7 Grupos de Trabalho que tangenciavam esta abordagem 134 apresentações foram feitas, e no XEnanpege, em 2013, na cidade de Campinas este número atingiu 201 trabalhos. Como ressaltam Mathewson e Seemann, citando Don Mitchell “todos querem ser geógrafos culturais agora” (2008).

Este crescimento se deve a diversos fatores, dentre eles, destacam-se: o maior contato de brasileiros com geógrafos estrangeiros que adotam esta abordagem; o crescimento da pós-graduação e de linhas de pesquisa que tratam de culturas em suas várias facetas e especializações nos programas de pós-graduação; a existência de professores e pesquisadores que assumem a adoção desse enfoque; o diálogo mais frequente entre a Geografia e a Antropologia, as Ciências Sociais e a História, entre outras.

Cabe ressaltar que se agrega a esse fato, o surgimento de grupos de pesquisa e/ou de redes concomitantes à expansão da pós-graduação em Geografia no Brasil. Desde 1993, o Núcleo de Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, possui uma rede de pesquisadores de diversas instituições de ensino, publica uma revista, a *Espaço e Cultura* e a série de livros “Geografia Cultural”, além de promover periodicamente eventos científicos. Nesse contexto, ressaltamos, pela qualidade e pelo pioneirismo, o trabalho elaborado por Correa e Rosendahl (2008).

Em 1999, iniciou-se, na Universidade Federal de Goiás, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Turismo e Cultura, que atua, principalmente no campo da investigação. Os livros *Geografia: leituras culturais* (2003), *Tantos Cerrados* (2005), *Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares* (2008), em coautoria com Beatriz Nates Cruz *Território e Cultura - inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais* (2009), e a coletânea organizada com Tadeu P. Arrais *É geografia, é Paul Claval* (2013), têm vínculos com parte dos pesquisadores desse Núcleo, cujo nome foi alterado para Grupo de Estudos e Pesquisas “Geografia Cultural: territórios e identidades”, pertencente ao Laboratório de Estudos e Pesquisas de Dinâmicas Territoriais.

A partir de 2006, o NEER - Núcleo de Estudos em Espaço e Representações - sediado na Universidade Federal do Paraná, passa a ter um papel aglutinador importante entre os pesquisadores desse tema, e igualmente, articula uma rede entre geógrafos. O NEER articula, no momento, projetos e grupos de pesquisa de vinte (20) universidades brasileiras (UFRGS, UFSM, FURG, ULBRA-RS; PUC-MG, UFU-MG; UFAM- AM; UFBA, UNEB-BA; UERJ, UFF- RJ; UFMS-MS; UFG-GO; UFPR, UEPG-PR; UNIR-RO; UFPB-PB; UFMT-MT; UFCE-CE; UFTO-TO), com as seguintes temáticas/ abordagens: Nova Geografia Cultural; Geografia Humanista-Cultural; Estudos de Percepção e Cognição em Geografia; Geografia das Representações; Geografia Social; Geografia da Religião; Geografia Escolar: Representações e Ensino; Teoria e Método na Geografia Cultural e Social. Cinco eventos vinculados ao NEER já ocorreram e, no último, ocorrido em Cuiabá, no período de 26 a 30 de novembro de 2013, 76 comunicações e 25 painéis animaram os debates.

AS PERSPECTIVAS PARA A GEOGRAFIA CULTURAL

Há uma tendência, por parte de alguns geógrafos a discutir sobre uma Geografia social que se interessa aos fatos culturais e, uma geografia cultural que se explica pela cultura

os fatos sociais. As perspectivas para fazer uma geografia cultural que seja considerada com mais respeito pelo campo geográfico, são favoráveis, desde que ela se inscreva, simultaneamente, como social e cultural.

A hipótese é que a construção do indivíduo se realiza no seio de relações de dominação no qual a cultura é o esqueleto e a carne. Esta realidade de uma superposição das construções culturais e sociais (por exemplo, nas festas, gênero, etnicidade) remete aos diferentes *corpus* e abordagens científicas que utilizam a palavra cultura. Dois argumentos podem justificar esta superposição.

Primeiramente, para fazer uma Geografia que acompanha as características da evolução das sociedades e do contexto da mundialização e, sobretudo, para tentar fazer evoluir seus paradigmas, admite-se um apelo para renovar os objetos mesmo da Geografia.

Estes surgem, principalmente, ao corresponder às práticas sociais emergentes, em particular aos numerosos objetos culturais de dimensão política e econômica. Pode se pensar que é a multiplicação das interações sociais que faz emergir novos objetos: as diversões, internet, violência urbana, que ganham muito espaço na mídia bem como os interesses “supérfluos” (esporte, música, férias...).

Eles permitem a compreensão dos espaços e participam à sua construção, o que não significa que os sistemas de sentidos forjados sobre os “antigos objetos” sejam caducos. O que caracteriza certo número dos novos objetos geográficos é o fato que eles testemunham um frescor acadêmico.

São os graduandos com as monografias de conclusão de curso, os mestrados e doutorandos que têm demonstrado ousadia nos objetos e criatividade nos procedimentos metodológicos fazem avançar a abordagem da geografia cultural.

Ainda nesta perspectiva, observam-se 03 paradigmas delimitando a questão social que a cultura põe: a cultura como mercado (tudo que pode ter uma dimensão econômica nos bens, fatos e profissões vinculados à cultura), a cultura como campo (interroga sobre a autonomia do ator em uma economia de bens simbólicos que tendem a reprodução do social) e, a cultura como mundo (reagruparia o conjunto de discursos, das atividades, das interações sociais que formam a trama de um fato social a dimensão cultural). Esta abordagem que recorta, parcialmente, as abordagens antropológicas mais recentes, se aproxima com os métodos quantitativos e a análise espacial.

Cresce, também, a importância atribuída às práticas culturais, consideradas até como marcadoras simbólicas das identidades sociais. Práticas culturais são entendidas com base no conceito de Bourdieu (1992), que os estilos de vida são o produto do *habitus*, isto é, o

conjunto de disposições, de esquemas de percepção e de ação incorporados aos diferentes *níveis* da socialização e que refletem as características de ambiente dos seres humanos.

Com este entendimento, o estudo de práticas culturais se amplia e tem a pretensão de abarcar todas as práticas culturais como televisão, futebol de rua, grafitismo, teatro de rua, revistas de quadrinhos... E, o estudo pode ter, sobretudo, o objetivo de constatar a desigualdade de acesso dos indivíduos às culturas “legítimas”, altamente valorizadas (museus, *ballets*, óperas, concertos...).

Pode-se definir este trabalho das práticas culturais como uma “geografia social da cultura”, na qual as práticas sociais organizadas são engajadas localmente e de maneiras distintas na produção do espaço.

Na Europa, na geografia cultural aflorou uma tendência, o espiritualismo, cujo propósito foi deslegitimar o Racionalismo como único procedimento de construção do conhecimento. Essa corrente situa a consciência humana no centro do mundo, ao valorizar o sujeito.

Na Geografia, o espiritualismo se articula com vários movimentos, leituras e, principalmente, dos modos de considerar a paisagem pelo viés da sensibilidade, mesmo que seja somente pelos aspectos estéticos. Pelo fato de essa abordagem ser recente, ela é vista como promissora para, posteriormente, abrir novas vias na pesquisa de valores espirituais que as culturas atribuíram aos lugares.

Segundo Andreotti (2002), a Geografia alemã, na obra de Georg. L. Krieg, influenciada pelo romantismo, no século XIX, já apresentava evidências do espiritualismo. A busca do potencial expressivo é realizada pelo testemunho poético, literário, figurativo, meios pelos quais o contexto geográfico ganha sentido.

A pesquisa e a representação da estrutura estética interna da realidade territorial tornam, assim, o objetivo da Geografia cultural na perspectiva espiritualista. Claval (2008) destaca uma vivência religiosa para um estudo do interior no presente e no futuro, por parte dos geógrafos. Um futuro que é apresentado em termos de ética, redenção e de pecado. Aqueles geógrafos que enveredam por essa dimensão espiritual descobrem a ideia de um outro mundo para conferir sentido à existência humana.

Nesse sentido, a Geografia torna-se sensível à representação artística, daquela poética àquela das artes figurativas, ao sagrado. Um recuo ao estruturalismo é a característica maior dessa vertente.

Na Itália, duas contribuições permeiam a dimensão espiritualista no estudo da geografia das paisagens e em linhas distintas. A primeira é representada por Giuliana

Andreotti (1994), com a obra *Riscontri di geografia culturale*, na qual a autora utiliza uma excepcional sensibilidade estética para explicar uma paisagem dotada de valores espirituais.

A segunda é representada por Luisa Bonesio (2000), que envereda por uma interface entre a Geografia e a Filosofia e escreve *Geofilosofia*. (apud VALLEGA, 2003). Ela explora a via estética, a via simbólica da paisagem com o intento de identificar o *anima*, sua espiritualidade.

Contudo, a vertente mais crítica e talvez destinada a convergir aqueles que questionam as desigualdades sociais é aquela vinculada aos estudos culturais. Estes, surgiram na Inglaterra, século XX a partir de uma crítica cultural à sociedade burguesa conduzida por universitários imigrantes e de classe popular.

O projeto dos Estudos Culturais é de mostrar que é possível resistir à ordem cultural industrial e às ideologias que lhes são ligadas, porque existem culturas populares que podem ser algumas vezes consideradas como “culturas de resistências”. No final dos anos 1960, a escola de Birmingham já se destaca por estudar os objetos culturais negligenciados pelas ciências sociais acadêmicas: televisão, romances açucarados, policiais e de *farwest*, e, de modo geral tudo que tinha traço de cultura de massa. Desde os anos 1980, os *Estudos Culturais* se espalham em diversos países.

Outra característica dos *Estudos Culturais*, que muito contribui para sua ampliação é sua promoção de um espaço de investigação interdisciplinar que amplia as abordagens e os métodos: a Literatura, o cinema e o teatro são consideradas fontes científicas como as estatísticas, as entrevistas e cartas geográficas.

Além disso, emergem outros objetos: estudos de feminismo e gênero, estudos do *Black*, estudos latinoamericanos, estudos da subalternidade e poscolonialismo (RAIBAUD, 2011). Estes últimos destacam por priorizarem os subalternos, aqueles que não têm voz e, por questionar o ocidentalismo e o Sul sendo discutido somente com a visão do norte.

A abordagem geográfica, pelos estudos culturais, não seria uma versão ética da geografia cultural? Ora, ao se considerar que a Geografia, como uma ciência é uma construção social, nesta ótica pode-se aventurar que a Geografia não é neutra. Ela é uma produção do mundo ocidental hegemônica e de ordem cultural que a caracteriza.

A produção cultural de massa produzida pelas grandes empresas internacionais de cinema e de televisão (documentários ou ficções que vulgarizam um conhecimento do mundo centrado na ótica da Europa ou dos Estados Unidos), deveria ser visto de maneira mais crítica pelos geógrafos. Toda produção geográfica (filmes, fotos, dados estatísticos) é uma produção ideológica.

Uma Geografia alternativa ou de abordagem cultural poderia se construir sobre as “margens” da produção universitária: pelo aporte de novos aportes objetos de estudos, segundo, pela renovação dos métodos e interdisciplinaridade, terceiro, pela coprodução dos conhecimentos da vida social e cultural e, quarto, por uma incorporação no campo universitário de novas “categorias” sociais e sócio-profissionais.

Os estudos culturais completam as abordagens procedentes. Se elas focam centralmente a questão da cultura (acima da clivagem social/cultura), elas convidam também a ultrapassar o aspecto reducionista da única “luta das classes”, historicamente muito presentes nas Ciências Sociais.

À GUIA DE CONCLUSÃO...

Parece pertinente uma reflexão sobre a utilidade da Geografia cultural para compreender o espaço.

A Geografia cultural, nas suas diversas leituras aponta que o objeto geográfico deve ser apreendido sob olhares científicos variados, de maneira a colocar em destaque as diferentes interpretações que lhes são dadas. Tal fato pode favorecer reencontros interdisciplinares em torno de um objeto geográfico.

Criticas existem, ao observar a falta de objetividade, a escolha de objetos que carecem de “Geografia” e, um tratamento que, interdisciplinar distancia da Geografia. (Ficou meio sem sentido o parágrafo acima, não? Este abaixo também)

Uma proposição como esta da Geografia cultural pode ter, também, esta função de ser “uma Geografia que não é como as demais”, de fato, uma abordagem que acolhe os objetos geográficos impuros ou insólitos.

Ela participa da diversificação dos materiais utilizados para “fazer” a Geografia, considerando que o real observado é apreendido pelos sentidos (tato, visão, audição, paladar e cheiro) que entram no inventário do mundo.

Deve-se conceber que outras fontes de informações são também aceitáveis, se aceita o postulado que a Geografia é uma ciência das representações. A filosofia, a arte, a literatura sob suas formas populares são de geo-indicadores pertinentes para descrever o espaço das sociedades, no quadro de uma “Geografia humanista” para reencontrar “o homem esquecido das ciências sociais”.

Parece bem que os temas e os objetos da geografia cultural sejam mobilizados atualmente na construção de novos saberes compartilhados, indutores de coesão social: o

retorno à natureza em uma visão sensível de sua fragilidade, as paisagens, o patrimônio faz parte de um discurso renovado. As correntes mais recentes da geografia cultural valorizam a capacidade de agir dos homens percebida como paradigma pelo geógrafo, permite de associar uma comunidade em uma construção cultural de seus saberes, fundada sobre a acumulação e capitalização de suas experiências. (rever o termo)

No caso específico da pós-graduação em Geografia, no Brasil, ela tem demonstrado muito fôlego. Cresce a oferta de novos cursos, de criativas linhas de pesquisa. Inúmeros artigos, dissertações e livros, principalmente nos últimos cinco anos, contribuem para dar visibilidade à existência da geografia cultural e reforçam essa ascensão vertiginosa mencionada. São indícios que a Geografia cultural não é um modismo.

Para finalizar, a abordagem pela Geografia cultural coloca ao centro da análise os desafios locais, as noções de lugar, de fronteiras e território. Ela propõe uma apreensão mais fluida das “situações” sempre renovadas que compõem a paisagem, a intervenção social, cultural ou econômica local.

O paradigma sociocultural atual evita de considerar as culturas como simples constructos mostrando que são fenômenos em construção permanente, no qual as pessoas lutam pelo seu reconhecimento individual e coletivo. Este paradigma mostra a complexidade das construções identitárias, que levam os indivíduos a serem de um e de vários lugares simultaneamente; as interações que existem entre as categorias sociais e categorias culturais; os desafios políticos e econômicos que são gerados; a materialização destas dinâmicas na ocupação do espaço.

Podemos afirmar que, desde o início da década de 1990, os estudos com abordagem na geografia cultural têm sido fecundos com as representações de “outros” lugares e paisagens. Sem dúvida, são ricos e desafiadores os cenários futuros para aqueles que investigam, pela geografia, os mundos culturais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G; ARRAIS, T. (Orgs.). **É geografia, é Paul Claval**. 1. ed. Goiânia: UFG, 2013.

_____. Geografia Cultural: contemporaneidade e um flashback na sua ascensão no Brasil, da autora, publicado In: MENDONÇA, F.; LOWEN SAHR, C.; SILVA, M. (Orgs.). **Espaço e Tempo: Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: Ademadan, p. 243-260, 2009b.

_____.; CRUZ, B. N. (Orgs.). **Território e Cultura - inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais**. Goiânia: CEGRAF-UFG, 2009a.

_____. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da Geografia cultural. **GEONORDESTE**, Ano XIX, n.1, pp. 33-54, 2008.

_____.; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Orgs.) **Geografia e Cultura - os lugares da vida e a vida dos lugares**. 1. ed., 2008.

_____. (Org.). **Tantos Cerrados**: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural. Goiânia: Vieira, 2005.

_____.; RATTI, A. J. P. (Orgs.). **Geografia Leituras Culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.

_____. Geografia Cultural, Geógrafos culturalistas: uma leitura francesa. **GEOSUL**, n.15, pp. 40-52, 1993.

ANDREOTTI, G. **Riscontri di Geografia Culturale**. Trento: Colibri, 2002.

AZEVEDO, A. F. Geografias pós-coloniais: contestação e renegociação dos mundos culturais num presente pos colonial. In: PIMENTA, J. R; SARMENTO, J. AZEVEDO, A. F. **Geografias Pós-Coloniais**. Ensaios de Geografia Cultural. Porto: Ed. Figueirinhas, 2007, pp. 31-70.

BARTHES, R. **O grau zero da escrita**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

CHRISTLIEB, F. F. Geografia Cultural. In: HIERNAUX, D. LINDÓN, A. (dirs). **Tratado de Geografia Humana**. Barcelona: Anthropodos. Editorial México: UNAM, 2006. pp. 220-253.

CLAVAL, P. Uma ou algumas abordagem(ns) cultural(is) na Geografia Humana! In: SERPA, Ângelo (Org.). **Espaços Culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador: Edufba, 2008, pp.13-29.

_____. **Géographie culturelle**. Nathan: Paris, 1995.

CORREA, R. L. A Dimensão Cultural do Espaço: Alguns Temas. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, pp. 1-21, 1995.

_____.; ROSENDAHL, Z. A geografia Cultural brasileira: uma avaliação preliminar. **Revista da ANPEGE**, v.4, pp. 89-108, 2008.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro, Eduerj, 1998, pp. 92-123

COSTA, R. H. Filosofia, Geografia e Crise da Modernidade. **Terra Livre**. v. 7, pp. 63-92, 1980.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

DOSSE, F. **Historia do Estruturalismo: 2**. O canto do cisne, de 1967 a nossos dias. São Paulo: Ensaio, Campinas: Ed.Unicamp, 1994.

FOUCAULT, P. **Les mots et les choses**. Paris: Gallimard, 1966.

JACKSON, P. **Maps of Meaning: an introduction to cultural geography**. New York : Routledge, 1995.

LYOTARD, J. F. **La condition pos-moderne**. Paris: Minuit, 1979.

MATHEWSON, K.; SEEMANN, J. A. Geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley. Um precursor do surgimento da história ambiental. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 24, n 39, 71-85, 2008.

PIAGET, J. **O Estruturalismo**. São Paulo: Difel, 1979.

PIMENTA, J. R.; SARMENTO, J.; AZEVEDO, A. **Geografias Pós-Coloniais**. Ensaio de Geografia Cultural. Porto: Edições Figueirinhas, 2007.

RAIBAUD, Y. **Géographie socioculturelle**. Paris: L'Harmattan, 2011.

VALLEGA, A. **Geografia culturale**. Luoghi, spazi, simboli. Torino: UTET Università, 2003.